

## E depois do cansaço? – Crítica da peça *Amélia*, de Tamara Maria Cardoso

Por Daniele Avila Small<sup>1</sup>

*Amélia*, solo de Tamara Maria Cardoso, peça de teatro criada para o ambiente online e que está na programação do 35º FESTIVALE, nos convida a pensar sobre o cansaço mental da mulher adulta na sociedade contemporânea. A partir do seu ponto de vista pessoal e da vida cotidiana, Tamara, uma mulher cis branca adulta, se coloca no palco e diante da câmera com seus questionamentos, endereçando-se diretamente a nós que estamos na plateia do outro lado da tela. O projeto não pretende falar em nome de todas as categorias de mulher que podemos ter em mente, mas suas considerações podem encontrar ressonâncias e estranhamentos diversos, a partir da experiência pessoal de cada uma ou cada um – tanto do ponto de vista da adesão ao *status quo* do que é ser mulher em determinado contexto, quanto do ponto de vista da atitude crítica com relação à norma. A perspectiva binária de gênero, no entanto, fica propositalmente em evidência.

As demandas de planejamento e execução de tarefas diárias, especialmente ligadas à gestão da casa e à maternidade, aparecem como inimigos com superpoderes: são visíveis apenas para suas vítimas. Ocupam um espaço mental imenso, espaço este que foi construído nas mentalidades forjadas de uma sociedade cinicamente patriarcal, espaço que meninas são ensinadas a cavar no

---

<sup>1</sup> Daniele Avila Small (Rio de Janeiro, 1976) é artista de teatro, crítica e curadora. Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO (2019), Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio (2013) e Bacharel em Teoria do Teatro pela UNIRIO (2009). É idealizadora e editora da revista *Questão de Crítica* e presidenta da seção brasileira da Associação Internacional de Críticos de Teatro (AICT-IATC). Tem se dedicado a projetos de formação, teoria e crítica de teatro desde 2011. Em 2017, estreou na direção com *Há mais futuro que passado – um documentário de ficção*. A dramaturgia foi publicada em edição bilingue português/inglês pela Editora Javali, em 2018. Atualmente, tem se dedicado a ministrar cursos livres no ambiente virtual do Núcleo FAC, com foco em crítica de teatro e análise de espetáculos brasileiros e de outros países latino-americanos.

próprio dia a dia desde pequenas. Por mais que possamos reconhecer os avanços garantidos pelas lutas feministas quanto aos nossos direitos e possibilidades, as batalhas dentro das nossas cabeças são todo um outro território, muito mais complexo, e que precisamos ocupar de outros modos. Os princípios da guerra contra o colonialismo interno (no final das contas, talvez seja disso que se trate) são pouco evidentes e nossos adversários muitas vezes difíceis de identificar e nomear.

O que vemos em cena está sugerido no título: a lida com uma sombra, uma determinada imagem de mulher, plasmada na cultura com o reforço da beleza e do sucesso da MPB. O título da peça faz referência à canção “Ai que saudades da Amélia”, de Mário Lago. Tanto na peça como nesse breve texto poderíamos nos estender em inúmeros exemplos da música, do teatro, do cinema e da literatura que funcionam como encantadores cavalos de Tróia, recheados de afetos que diminuem a nós mulheres, assim como às pessoas pretas, com deficiências, ou que não se encaixam em certos padrões de gênero, racionalidade, saúde e beleza. As obras de arte, com o salvo-conduto da ilustração, muitas vezes colaboram para a invenção das supostas superioridades e a manutenção das suas opressões. Mas basta um exemplo. Basta um nome, que nem precisamos cantar. Amélia.

Sem dúvida, as obras também têm suas perspectivas críticas, suas denúncias escondidas, sutis ambiguidades. Mas temos pressa, não é? Então precisamos de posicionamentos evidentes e inequívocos. O espaço da cultura também precisa ser ocupado pela resposta a estes afetos que imprimiram nas nossas sensibilidades, nos nossos corpos, nas imagens distorcidas que vemos no espelho. Mesmo quando simplesmente com a exposição de um diagnóstico, como é o caso do trabalho atual de Tamara. Afinal, não é como se fosse fácil escrever alguma prescrição. Tendo em mãos a análise dos exames da sociedade patriarcal e dos sintomas que aparecem nas nossas vidas, como, nas artes da cena, tratar as feridas? E, principalmente, como extirpar a doença?

A partir desse impasse, o teatro contemporâneo se vê diante de muitos dilemas, mas isolar-se na torre de marfim da ideia de autonomia da arte talvez só seja possível para quem vive em mundo perfeito. Que venham os diagnósticos, então, e que eles alcancem suas espectadoras e seus espectadores, que não estão todes no mesmo pé quanto à consciência social dos hábitos que desumanizam corpos e desvalorizam vidas.

Poder colocar as próprias narrativas em cena – ou no papel – tem sido, historicamente, privilégio de alguns. Mas, quando se supera esse problema, mesmo que apenas em parte, como escapar da armadilha que é deixar-se definir pelas opressões? Como dar aos movimentos de insurgência, dos mais modestos aos mais perturbadores, uma perspectiva de agência, de insubordinação? Como pode a denúncia se transmutar em proposição solar?